

**BELÉM E A *BELLE ÉPOQUE*
DA BORRACHA**

BELÉM AND RUBBER *BELLE*
ÉPOQUE

BELÉM Y LA *BELLE ÉPOQUE* DE
LA GOMA

Geraldo Mártires Coelho^{1,2, 3}

RESUMO

O artigo discute a história e a vida de Belém na passagem do século XIX para o século XX, marcada por um conjunto de elementos sociais, intelectuais e artísticos que refletiam as influências da cultura e da sociedade europeia, principalmente francesa, do período. Em termos de Brasil, esse processo se verificou em Belém e no Rio de Janeiro: era a chamada *Belle Époque*. Cultivou-se o gosto pelo que vinha da Europa, o que podia ser visto na maneira de se vestir das elites locais e na vida social que levavam em Belém. A literatura, a pintura e a música, cultuadas por essas mesmas elites, faziam da cidade um grande centro de vida intelectual e artística. É preciso, no entanto, observar que a *Belle Époque* faz parte de um processo maior, o da mundialização da cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Belém; *Belle Époque*; Mundialização da cultura.

¹ Pós-doutor e Doutor em História Cultural e das Mentalidades pela Universidade Nova de Lisboa, mestre em História (UFF) e Licenciado em História (UFPA). Professor aposentado do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará, autor de vários livros e artigos sobre a Amazônia. Email: gmartirescoelho@gmail.com.

² Versão ampliada deste artigo foi publicada em Escritos, revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 5, nº 5, 2011.

³ Endereço de contato do autor (por correio): Universidade Federal do Pará. Programa de Pós-Graduação em História Social. Rua Augusto Corrêa, 01 - Guamá. CEP 66075-110. Belém, PA, Brasil.

ABSTRACT

This article treats the history and life of Belem (capital city of Para State/Brazil) during the passage from XIX to XX century that was marked by a set of social, intellectual and artistic elements, which reflected the influences from European culture and society, especially the French one in such period. In terms of Brazil, that process was seen in Belem and Rio de Janeiro; it was called *Belle Époque*. It was cultivated a taste to whatever came from Europe, what could be seen on the dressing fashion of the local elites and the social live they had in Belem. Literature, painting and music, idolised by the same elite made the city a huge centre of intellectual and artistic life. However, it is needed to consider that *Belle Époque* is part of a bigger process, the globalization one.

KEY WORDS: Belém; *Belle Époque*; Culture globalization.

RESUMEN

El artículo discute la historia de la vida de Belém en la pasaje del siglo XIX para el siglo XX, marcada por un conjunto de elementos sociales, intelectuales y artísticos que reflejaban las influencias de la cultura y de la sociedad europea, principalmente francesa, del período. En términos de Brasil, ese proceso se comprobó en Belém y Rio de Janeiro. Era la nombrada *Belle Époque*. Cultivado el gusto por lo que procedía de Europa, que se podía ver en la forma de vestir de las élites locales y la vida social que llevaban en Belém. La literatura, la pintura y la música, adorado por esas mismas élites, hacían de la ciudad un importante centro de la vida intelectual y artística. Es necesario, sin embargo, observar que la *Belle Époque* es parte de un proceso más amplio, la globalización de la cultura.

PALABRAS CLAVE: Belém; *Belle Époque*; Globalización de la cultura.

Recebido em: 10.11.2016. Aceito em: 16.12.2016. Publicado em: 25.12.2016.

Introdução

A história e a vida de Belém na passagem do século XIX para o século XX foi marcada por um conjunto de elementos sociais, intelectuais e artísticos que refletiam as influências da cultura e da sociedade europeia, principalmente francesa, desse mesmo período. Em termos de Brasil, esse processo se verificou não só em Belém, como também no Rio de Janeiro: era a chamada *Belle Époque*.

Cultivou-se o gosto pelo que vinha da Europa, o que podia ser visto na maneira de se vestir das elites locais, como na vida social que levavam em Belém. Da mesma forma, a literatura, a pintura e a música, cultuadas por essas mesmas elites, faziam da cidade um grande centro de vida intelectual e artística. É preciso, no entanto, observar que a *Belle Époque* faz parte de um processo maior, o da mundialização da cultura.

Olhando-se esse quadro mesmo de forma rápida, não deixa de caber a pergunta: mas, o que tornava possível essa forma de vida que implicava custos, gastos, investimentos? A resposta está nas bases da economia do Pará que vivia a passagem do século XIX para o século XX: a economia da borracha. Com efeito, a economia de exportação do *látex* gerou fartos recursos que foram utilizados pelos governos e pelos grandes comerciantes, surgindo, assim, as condições para a criação dos cenários da *Belle Époque*.

À medida que a borracha subia de importância e de cotação no mercado internacional, mais a Amazônia se integrava, pelas vidas das relações de dependência, aos centros hegemônicos do capitalismo industrial e financeiro. E as vias de circulação do capital seriam as mesmas da cultura burguesa em acelerado e amplo processo de mundialização. Assim, já a Belém de 1850 acusava, nos panoramas da cultura e da sociabilidade urbana, que as bases das

formas antigas da vida lusitana começavam a se desmanchar. Como foi salientado anteriormente, segmentos da sociedade local vestiam-se, divertiam-se e comportavam-se à francesa...

Olhando a questão pelo prisma político, a administração de Belém, nas mãos do Intendente Antônio Lemos (1897-1912) e a do Estado, entregue sucessivamente a Justo Chermont (1889-1891), Lauro Sodré (1891-1897) e Augusto Montenegro (1901-1909), foram administrações cujos investimentos na condução do cenário público de Belém tornavam a cidade, progressivamente, no que seria a chamada *Paris nos Trópicos*. Como foi registrado anteriormente, a Belém da colonização portuguesa, quer na arquitetura, quer nos usos e costumes ia desaparecendo, e, em seu lugar, nascia uma cidade espelhada em algumas matrizes da Europa, principalmente na Paris burguesa do final do século XIX.

Assim, passaram a imperar as artes, a literatura, a cena lírica, a indumentária e o gestual, a exaltação do bom-gosto, o ideal da cidade planejada, limpa e higiênica, o encobrimento da pobreza e da mendicância, a sociabilidade mundana, as aspirações estéticas e literárias presentes nas agremiações e associações lítero-musicais. Essa forma e esse modelo de um novo viver transformam-se no ideário da cultura do homem civil do final do século XIX. Sepultadas as revoluções e superados as suas conseqüências, vivia-se o tempo da chamada *Belle Époque*. Todo esse grande cenário é, em síntese, o quadro das representações que alimentaram a representação da *Belle Époque* como cenário da Idade de Ouro do Progresso e da Civilização, um estado de construção do mundo que se realizaria universalmente graças às conquistas da ciência, à força dos maquinismos e aos então chamados processos civilizatórios.

Na Belém da *Belle Époque* da Borracha (1890-1910)

O que no léxico da História Cultural ficou configurado como *belle époque* indica um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais desenvolvidas no interior de um *corpus* reconhecido historicamente como o da cultura burguesa e da sua afirmação no interior dos quadros hegemônicos do capitalismo industrial no final do século XIX. Em nome da identidade de um tempo cujos sujeitos sociais emergiram das novas condições econômicas e sociais dominantes no mundo do capital, a *belle époque* implica reconhecer linguagens, gostos, atitudes, estéticas, sociabilidades que, produzidas nos centros hegemônicos da economia do capitalismo industrial, reproduziam-se, em escala planetária, também na condição das formas de ser e de agir em tempos que implicavam o triunfo do Progresso e a afirmação da Civilização.

A mitologia da *belle époque* foi expressiva e enraizada o bastante para construir suas representações e mundializá-las. Nesse sentido, Paris emerge, no final do século XIX, na condição de uma grande e poderosa metáfora, espaço-síntese de uma forma de vida requintada, elegante, culta e civilizada. Os mecanismos e os comportamentos da sociabilidade burguesa produziram, assim, imagens de uma Idade de Ouro da vida social, cujas vias e veias de circulação orgânica eram os *boulevards* de Paris. A *belle époque*, em última análise, edulcorou a dramática dialética da revelação e do encobrimento, da aparência e da essência, no limite em que *tudo o que era sólido se evapora no ar*.

Os valores, os códigos e os rituais da cultura da *belle époque*, na condição de teatro da civilização, espalharam-se, em maior ou menor escala, pelas sociedades contemporâneas. Paris, Lisboa, Buenos Aires, São Petersburgo, Viena, Belém e Manaus, cidades de topografias sociais e físicas distintas,

integravam-se ao circuito mundial da cultura burguesa, na medida em que abrigavam elos da cadeia mundial do mercado. A cultura burguesa da *belle époque* transitava pelos mesmos canais da circulação das mercadorias, dos capitais e dos bens de produção, o que implicava bem definir o sentido da mundialização da economia capitalista e do capital simbólico da cultura burguesa.

A *belle époque*, entendida como manifestação da Idade de Ouro da cultura urbana da burguesia contemporânea, e cujos quadros tradicionais, como visto, remetem para a Paris do final do século XIX e começo do XX, sempre foi um domínio visitado pela narrativa social brasileira. As próprias transformações urbanas de cidades como Belém e Rio de Janeiro no mesmo período, foram tratadas como dimensões especulares da *belle époque* matricial nas latitudes sociais e mentais do trópico brasileiro. A leitura da crônica de um Olavo Bilac e de um João do Rio, para a Capital Federal, e a de um Humberto de Campos e de um Eustáquio de Azevedo, para Belém do Pará, revela, essa leitura, que seus autores acreditavam que os cenários essenciais da cultura e da sociabilidade urbana e burguesa de Paris haviam sido transpostos para as cidades brasileiras em causa.

O Rio de Janeiro, Belém ou Manaus, mas não o Brasil como um todo, *civilizam-se*, parodiando o jornalista Figueiredo Pimentel, um dos arautos da *belle époque* e da cultura dos *boulevards* do Rio de Janeiro, cuja coluna "O Binóculo", publicada pelo jornal *Gazeta de Notícias*, transformara-se no leme da nau burguesa na Capital Federal no início do século XX. Esse aforismo pretensamente histórico atravessou décadas do pensamento social brasileiro, da mesma forma como alimentou a imaginação social do país acerca de um progresso e de uma civilização que se estabeleceram no país na condição de universais.

O natural pendor dos nossos homens de letras e de nossos artistas teria conseguido produzir, em solo cultural tão diversificado, a ambiência social e mental de cidades como Paris, Viena, Lisboa, São Petersburgo, vitrines das conquistas do progresso e da civilização. Desde os anos finais do Império que a europeização e o branqueamento do Brasil, homologias do progresso e da civilização, assumiram, por força de uma identidade discursiva, a face visível e relevada da Nação Brasileira. Compreensível, portanto, que para as mentalidades das elites urbanas do Brasil, a *belle époque* coroasse o empenho histórico para a construção do país real, cujas estruturas fundadoras encontravam-se no país imaginário. Da Natureza passávamos à Cultura, chegávamos à História.

Mais recentemente, nos domínios da História Social, da História Cultural e da Literatura, a *belle époque* brasileira, suas linguagens simbólicas e suas representações sociais têm sido objeto de uma nova leitura. Tanto em termos do Rio de Janeiro como de Belém e de Manaus, cenários referenciais do *civilizar-se* brasileiro na passagem do século XIX para o XX, a *belle époque* passa a domínios outros do pensamento social. Essa passagem, claro está, processa-se em vários domínios, na medida em que o universo visitado abriga campos formalmente diferenciados da sua orgânica, ainda que, de um modo ou de outro, digam respeito às formas e representações com que o capitalismo e a cultura burguesa mundializaram-se. No caso da Amazônia, visitar a *belle époque* das grandes capitais regionais implica, em última análise, mergulhar em domínios da história regional por muito tempo encobertos pela própria fâcies do seu discurso fundador. Somente pelas vias de um outro discurso, o da problematização da genealogia narrativa da *belle époque* amazônica, será possível manter em aberto o passado recente da sociedade e da cultura amazônicas.

Espelhos e Imagens da Civilização

Numa das mais conhecidas passagens do *Manifesto Comunista de 1848*, Marx e Engels, a propósito do poder de subversão da economia capitalista, e de modo a realçar a dissolução das bases materiais e mentais da sociedade europeia, diziam que, diante do avanço do modo de produção do capitalismo industrial e das novas relações sociais de produção, *tudo que era sólido desmanchava no ar*. A sólida definição da era do capital industrial, do capital financeiro, significava, também, diria Eric Hobsbawm, a construção de um era correlata, a era dos impérios. No léxico histórico, império implica o sentido de mundialização, tomando-se os exemplos clássicos do império macedônico e do império romano, mundializações do poder material e do poder cultural da Macedônia e de Roma no mundo antigo. Ainda na Idade Moderna, a expansão ultramarina ibérica produziu outra leva de mundialização do poder material do mercantilismo e do poder cultural das sociedades luso-hispânicas da Europa, processo de hegemonia, de mediação e de síntese desenvolvido na longa duração entre as culturas envolvidas na sua historicidade.

No caso da mundialização dos processos inerentes ao modo de produção capitalista industrial – fontes de matérias-primas, mercados, mão-de-obra e suporte do capital financeiro – seu desenvolvimento ocorreu sobre realidades sociais e figurações históricas já incorporadas à dinâmica da economia europeia moderna desde a era do Mercantilismo. Por conta dessa agregação de condições materiais e culturais já historicamente consolidadas, no caso específico da *belle époque*, a expansão, a mundialização da cultura burguesa a partir dos centros hegemônicos do capital foi mais dinâmica e abrangente. Pelos canais de circulação do capital circulava, igualmente, o

discurso do Progresso e da Civilização, na forma das muitas representações assumidas por esse mesmo discurso.

As artes, a literatura, a cena lírica, a indumentária e o gestual, a exaltação do bom-gosto, o ideal da cidade planejada, limpa e higiênica, o encobrimento da pobreza e da mendicância, a sociabilidade mundana, as aspirações estéticas e literárias presentes nas agremiações e associações lítero-musicais... Essa forma e esse modelo de um novo viver transformam-se no ideário da cultura do homem civil do final do século XIX. Sepultadas as revoluções e superadas as descontinuidades produzidas pelos processos revolucionários na Europa contemporânea, retomava-se à historicidade do tempo histórico, diacrônico, historicista, finalista e utópico. Todo esse grande cenário é, em síntese, o caleidoscópio dos signos e dos ritos que alimentaram o mito da *belle époque* como representação da Idade de Ouro do Progresso e da Civilização, um estado de construção do sujeito histórico que se realizaria universalmente graças às conquistas da ciência, à força dos maquinismos e aos processos civilizacionais mundializados.

Existiu uma *belle époque* na Amazônia? A resposta a essa pergunta implica um feixe de problemas conceituais e empíricos com que se defrontam os historiadores brasileiros em geral e os amazônidas em particular. Afinal, a mesma questão aplicar-se-ia ao Rio de Janeiro do começo do século XX, quando, já foi anteriormente referido, a cidade, a Capital Federal, aos olhos da sua burguesia, do poder público e dos seus homens de letras, enfim, *civilizara-se*. A questão, em si mesma, é uma daquelas argüições cujas respostas buscadas poucas vezes avançam no sentido de iluminar um dado recorte da história recente da Amazônia. Se, por questão de aceitação de um léxico aplicado à leitura das realidades culturais, sociais e materiais pelas quais a Amazônia da borracha passou, e forçando-se uma correlação com os cenários da Europa do

capitalismo industrial, da cultura e da sociabilidade burgueses do final do século XIX e inícios do XX, admite-se, por transposição e adequação terminológica, que a Amazônia de então viveu a *sua*, repita-se, a *sua belle époque*.

Se, no entanto, por *belle époque* for considerado apenas os quadros históricos da Belém *fin de siècle*, com as formas de sua sociabilidade urbana e com os ritmos de seu consumismo, perde-se de vista o complexo de transformações que a Amazônia começou a sofrer finda a primeira metade do século XIX. Bens de consumo e bens culturais de Paris já estavam presentes no cotidiano de Belém; a navegação a vapor pelo Amazonas, iniciada em torno de Mauá e sua Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas (1852), interiorizou essa nova etapa do cotidiano econômico e social no Pará. Viajantes e cronistas estrangeiros por aqui passados a essa altura admiravam-se com a presença em Belém e em Santarém de bens, valores e costumes da cultura francesa do II Império.

A percepção dos extremos desse arco é que permite, em última análise, que o observador não caia nas muitas armadilhas instaladas pelo reducionismo histórico e sociológico, principalmente no tocante à idéia de que a *belle époque* amazônica manifestava tão-somente um mimetismo imediato e imediatista. Seria como se, de um momento para outro, segmentos da sociedade de Belém, de Santarém e de Manaus descobrissem nas lojas de suas cidades um conjunto de produtos diferentes, estranhos, e que os passassem a usar porque vieram de um lugar misterioso, desconhecido e exótico chamado Paris... E que os cafés e os teatros parecessem fantasmagorias surgidas do encantamento da floresta...

À medida que a borracha subia de importância e de cotação no mercado internacional, mais a Amazônia se integrava, pelas vias das relações de dependência, aos centros hegemônicos do capitalismo industrial e financeiro. E

as vias de circulação do capital seriam as mesmas da circulação do capital simbólico, vale dizer, da cultura burguesa em acelerado e amplo processo de mundialização. É bom repetir observação anterior relativamente ao que escreveram Marx e Engels, em 1848, a propósito do poder de subversão do capitalismo: que tudo que era sólido desmanchava no ar. Nesse sentido, já a Belém de 1850 acusava, nos panoramas da cultura e da sociabilidade urbana, que as bases das formas antigas da cultura lusitana começavam a desmanchar. Como salientou-se anteriormente, segmentos da sociedade local vestiam-se, divertiam-se e comportavam-se à francesa...

Desse ponto de vista, portanto, não há como negar que Belém e a Amazônia como um todo conheceram a sua *belle époque*, entendida, é claro, como manifestação e representação de padrões da cultura burguesa que se mundializava, numa nova etapa, a partir dos anos de 1850. É pedagógico lembrar as palavras do Príncipe Albert, na abertura da Exposição Internacional de Londres, em 1851, cujo emblema maior foi o Palácio de Cristal: as conquistas da Civilização e as realizações do Progresso serão levadas aos quatro cantos do mundo. É o caso de perguntar: seria a *belle époque* qualquer coisa de diferente do que vaticinara na capital britânica o marido da rainha Victória? O essencial nesse processo não é a migração/transposição dos valores, representações, linguagens e rituais da cultura da burguesia européia. Antes, é preciso perceber em que medida a sociedade local, os seus segmentos cultos e letrados, sentiam-se como partícipes do processo de construção dos cenários materiais e mentais que abrigaram as formas da Civilização e do Progresso aqui chegadas. Caso contrário, a *belle époque* seria apenas uma metáfora, um complexo processo de mimese, o que realmente não aconteceu.

O sentido de pertencimento a um tempo entificado e mítico, transformando o sujeito singular em cidadão do mundo, em homem da

modernidade, sintonizou e enquadrou os nossos intelectuais, os nossos homens de letras no interior do painel maior da cultura da Europa *fin de siècle*. Um Olavo Bilac, um João do Rio, um Figueiredo Pimentel, no Rio de Janeiro, um Antônio Lemos, um Augusto Montenegro, um Justo Chermont, um Eustáquio de Azevedo, em Belém do Pará, sentiam-se como sujeitos de uma cultura – e como construtores culturais – matricialmente fora do lugar, mas legitimada pelos gens sociais da sua orgânica originária. Era preciso, pois, criar condições para que os compostos dos processos civilizacionais europeus pudessem florescer em latitudes culturais outras. Veja-se, por exemplo, que o argumento político legitimador de um teatro lírico no Pará e no Rio de Janeiro, mesmo com décadas de diferença nas manifestações favoráveis a um e a o outro, foi o mesmo: a música e a cena lírica andavam a par com a civilização... Arguir a lógica do discurso dos intelectuais da *belle époque* paraense e conhecer a constituição e a funcionalidade das práticas institucionais por eles desenvolvidas ou das quais foram partícipes, significará também conhecer a identidade e a visão de mundo do sujeito da Civilização e do Progresso criado pela mundialização da cultura, e tribuno do grande e planetário discurso da modernidade burguesa.

Lançar o olhar sobre a *belle époque* em Belém é retomar antigos percursos da memória histórica, da memória coletiva e do próprio discurso da história. Diferenças substanciais assinalam as formas e os lugares dessas narrativas, ainda que, como será depois arguido, um mesmo veio, um mesmo fio pareça conduzir o corpo dos muitos discursos construídos sobre a Belém que viveu o *boom* da borracha amazônica e conheceu representações da cultura urbana e da sociabilidade deflagradas pela mundialização dos padrões e dos ritos culturais da burguesia europeia *fin de siècle*. O impacto das mudanças processadas no cotidiano urbano da Belém que passava do século XIX para o

XX foi poderoso o bastante para gerar a necessidade de narrá-lo. E essa narrativa, observe-se, deu-se também na forma da imagem, nas fotografias e nos cartões postais que procuravam capturar e congelar as visões radiantes da Idade de Ouro da Civilização e do Progresso.

Não há dúvida a respeito da importância dos jornais para a memória mundana da *belle époque* em Belém, principalmente pelos caminhos da crônica e dos registros que factualizavam a sociabilidade urbana. Nas páginas dos periódicos *A Província do Pará* e *Folha do Norte*, ambos já circulando na capital do Pará no final do século XIX e, à época, jornais tecnicamente modelares dentre os poucos existentes na imprensa brasileira, é possível flagrar frações do discurso dos sujeitos civilizacionais da *belle époque* da borracha. Lojas, cafés, teatros, moda, tertúlias, conferências, exposições, e mais, é claro, a exaltação da cidade urbanizada e saneada aparecem na condição de grande quadro, de poderoso panorama do cotidiano de uma capital tocada pelas várias representações de um novo tempo. A imprensa periódica de Belém da época, e mais os jornais de agremiações e de associações profissionais inventariavam, por assim dizer, os lugares, as formas e os sujeitos que emprestavam uma dada visibilidade à *belle époque* de Belém.

Da *débâcle* da economia da borracha, nos anos de 1910, aos dias de hoje, a Belém da *belle époque* conheceu visitas esporádicas da pesquisa histórica, no mais das vezes nos domínios da história econômica e não nos campos da história cultural. Nesses casos, o olhar do historiador estava mais claramente voltado para a cadeia produtiva do *látex* e para os mecanismos de financiamento, comercialização e circulação do produto. A cidade modelar da civilização tropical era, em essência, a praça comercial, seus bancos, suas casas importadoras e exportadoras, seus estabelecimentos de crédito, seu variado comércio e sua capacidade de alimentar os tentáculos que levavam o comércio

ao seringal e traziam o seringal ao empório urbano da capital. De qualquer modo, as leituras econômicas da Belém e da Amazônia da borracha marcavam um avanço narrativo significativo comparativamente às crônicas meramente mnemônicas e saudosistas que, por vezes, pontuavam uma ou outra publicação do gênero.

História e Histórias dos Espaços da *Belle Époque*

Entre o final dos anos de 1990 e o começo dos anos de 2000, não apenas as incursões da história econômica da Amazônia contemplavam, na condição de componente do seu objeto científico, leituras e olhares para a sociedade e a cultura que se desenvolveram ao influxo do extrativismo da borracha e à cadeia da sua comercialização. Novas abordagens foram construídas de modo a escapar aos modelos economicistas de análise e, assim, privilegiar os domínios da cultura, da sociabilidade e do cotidiano dos grupos sociais. Da mesma forma, essas leituras privilegiaram principalmente um grande domínio da Belém da *belle époque*, um domínio de grande visibilidade e elevado significado como discurso. Trata-se, a saber, da cidade urbanizada, saneada, dotada de grandes equipamentos urbanos, vale dizer, a cidade metaforicamente considerada como organismo gestado pela Civilização e pelo Progresso, e cujo conjunto de representações encontra-se na Belém do Intendente Antônio Lemos (1897-1912) e na Manaus do Governador Eduardo Ribeiro (1892-1906), cidades, adiante-se, cuja intervenção do Estado foi também disciplinadora e segregadora no sentido de manter os seus respectivos centros como espelhos civilizacionais e civilizadores.

História e Histórias das Letras na *Belle Époque*

O grande e recente investimento histórico e historiográfico na *belle époque* amazônica, em que pese os novos problemas e as novas abordagens que propõe, concentrou a sua abordagem, como antes foi salientado, sobretudo nos cenários e nas paisagens urbanas das cidades que a Civilização e o Progresso fizeram despontar em meio à floresta tropical brasileira. Independentemente da diretriz epistemológica que confere a essas leituras a condição de novos artefatos teóricos, metodológicos e empíricos, seus movimentos, repita-se, giram em torno de uma mesma órbita, a dos compostos físicos e espaciais das capitais da *belle époque* amazônica. Tal contingência impõe-se pela própria natureza da estratégia teórica e metodológica construída por seus autores. Assim exige o diálogo que ele mantém com um passado, recriando quadros e leituras, o que em momento algum desautoriza ou compromete o objeto enquanto identidade epistemológica.

Há, com efeito, um registro narrativo da *belle époque* de Belém que procura enaltecer e cristalizar o epicentro da cultura letrada e mundana da então capital do Pará. Homens que viveram as realidades intelectuais e sociais da Belém do *látex* deixaram registros expressivos de um tempo em que eram eles sujeito e objeto. Nomes como Humberto de Campos, Theodoro Rodrigues, Eustáquio de Azevedo, Paulino de Brito e João Lúcio de Azevedo – para citar apenas um pequeno número de homens de letras da Belém *fin de siècle* – produziram uma crônica, uma memória, um registro textual de modo a exaltar o tempo social que viviam, eles, repita-se, sujeitos da Civilização e do Progresso. De que modo, contudo, esses universais comparecem e reproduzem os seus pressupostos no discurso dos *gens de lettres* da *belle époque* da Belém da borracha? Responder a essa argüição significa lançar o olhar para além das

avenidas, jardins, serviços públicos, urbanização, precisamente a face externa e mais reconhecida da Belém que viveu, para lembrar expressão da época, as *folies du látex*.

* * *

Parece evidente que muitos podem ser os percursos em direção às mentalidades da Belém da *belle époque*. Alguns desses percursos já foram apontados em itens anteriores, e dizem respeito aos muitos retratos, aos vários exteriores da capital paraense nos anos de ouro da economia do *látex*. Foi referido, entretanto, que muitos homens de letras da Belém da borracha viveram a condição de intelectuais do tempo do Progresso e da Civilização, cujos discursos mais claros estavam nos equipamentos da vida moderna, das comunicações, da eletricidade, da higiene e do saneamento urbanos, da navegação a vapor. Para tanto, esses homens de letras, *au delà de la vie de bohème*, fundaram e mantiveram associações culturais e produziram um dado tipo de narrativa que pretendiam fosse reflexiva das matrizes intelectuais da Europa, leia-se, da Paris cujos espectros a borracha parecia haver deslocado como fantasmagorias tropicais.

Explicando melhor, a Belém que caminhava para o final do século XIX conheceu e conviveu com um mosaico de associações culturais, lítero-musicais, sociedades literárias, sociedades musicais, agremiações culturais de profissionais do comércio, e mais um bom número de jornais e de revistas nascidos como veículos dessa ação dos escritores locais, alguns dos quais no interior dessas agremiações. A maior parte desses pequenos grêmios de homens de letras e suas respectivas publicações teve vida rápida e fugaz, mas nem por isso deixam de ser importantes como espelhos a refletir a relação entre

exterior e interior da Belém da *belle époque*, entre a cidade moderna e a rede de micro-organismo da sua sociabilidade urbana e intelectual. Dentre as muitas agremiações intelectuais atuantes na Belém que vencia o Oitocentos e chegava aos anos iniciais do século XX, estavam as seguintes: *Oficina Literária, Club Coelho Neto, Apostolado Cruz e Souza, Grêmio Estudantino Paraense, Grêmio Literário Fagundes Varela, Escola Literária Antônio Lemos e Oficina das Letras, Cenáculo dos Novos e Sociedade dos Homens de Letras do Pará.*

As revistas literárias, igualmente efêmeras, não deixavam, por isso mesmo, de projetar o próprio estilhaçamento da modernidade. Eram, pois, veículos, espelhos, mesmos, de exibição das imagens de um tempo de rapidez, velocidade e estilhaçamento. *O Ateneu, A Alvorada, O Lábaro, Bohemia Literária, O Pará Moderno, A Voz Literária, A Revista Acadêmica*, para não alongar mais a lista, inscreviam-se dentre outros títulos dessa frenética participação dos escritores provinciais na invenção/revelação de um organismo intelectual anunciador de uma Amazônia inscrita no interior dos quadros da mundialização da economia e da cultura, espaço da Civilização e do Progresso.

Algumas das associações de intelectuais da Belém da *belle époque* tiveram vida mais ou menos longa, enquanto que outras, principalmente as que mantiveram relações sociais e institucionais com o Estado e valeram-se da legitimação oficial e contaram com o mecenato oficial, venceram a afirmaram-se, com suas legendas acadêmicas, sobre o tempo histórico. Essas agremiações, ainda que de domínio privado, contariam em seus quadros sociais com alguns dos nomes-chave do aparelho de Estado, e assim transformavam-se, pelo processo do *habitus de classe*, em agências ao mesmo tempo orgânicas e reflexivas da cultura e da política cultural públicas na Belém que fechava o século XIX.

Distinguindo-se, portanto, das demais agremiações intelectuais do período, pela emblemática social que carregavam, apareceriam e afirmar-se-iam no mundo das letras e da sociabilidade urbana da Belém do final do século XIX a *Mina Literária*, a *Academia Paraense de Letras* e o *Instituto Histórico e Geográfico do Pará*, os dois últimos declarados de utilidade pública pelo Governo do Estado, situação que lhes conferia uma tonalidade de associações culturais oficiais e assim proclamadas e reconhecidas pelo poder público.

Em 1889, deram-se as efusivas e mesmo cívicas comemorações do primeiro centenário da Revolução Francesa, quando os corações e mentes das elites letradas da Belém da borracha e das elites urbanas cultas do Brasil como um todo voltaram-se para Paris, a capital do Grão-Pará era uma vitrine. Abertas as portas do Teatro da Paz no ano de 1878 e então começada a primeira temporada lírica num teatro de ópera construído no meio da floresta tropical, a civilização cinzelara seu grande espelho, afirmando o poder simbólico de uma cultura que mundializara suas linguagens e suas representações. A ópera, de que foi exemplo a produção de Carlos Gomes, ocupava quase que simultaneamente a cena lírica de Milão, Lisboa, São Petersburgo. Rio de Janeiro e Belém do Pará. Se, ao findar a década de 1850, estabelecimentos comerciais vendiam rendas francesas e livrarias davam a conhecer a literatura de Lamartine, a década de 1880 foi decisiva para a construção da rede de espaços que construía e faziam movimentar os comportamentos da sociabilidade urbana da Belém da borracha. Inclusive a formação do patrimônio intelectual de suas elites cultas!

Bancos, casas comerciais, teatros de revista, cafés, agremiações musicais, jornais, grupos de escritores, escolas comerciais compunham a face visível, urbanizada e proclamadamente europeizada de uma cidade que o ritmo da economia do látex agilizava. Nesse sentido, multiplicavam-se os processos de

reprodução dos elementos da cadeia mundializada da cultura que a sociedade hegemônica do capitalismo industrial produzia no final do século XIX. Tratava-se, é preciso voltar a enfatizar, do que o discurso do progresso do otimismo burguês apontava como a inevitável e necessária mundialização da civilização e das vantagens que traria para os povos do mundo. Assim disse o Príncipe Albert, em Londres, na Exposição Internacional de 1851, cujo ícone por excelência foi o célebre Palácio de Cristal.

Sem dúvida alguma, o consumo das letras francesas, fosse na forma da literatura, da sociologia ou da filosofia – inclusive a filosofia científica – ou ainda o das filosofias científicas inglesas, sobretudo do Evolucionismo, marcou a formação das elites cultas da Belém da borracha. Este é um domínio da *belle époque* amazônica mais difícil de trabalhar, na medida em que implica o tratamento de um bem cultural cuja especificidade, na maioria das vezes, dispõe de registros públicos fragmentados. De qualquer modo, como foi assinalado anteriormente, é possível acompanhar, no registro de jornais de 1850 para frente, referências à chegada a Belém de títulos de uma diversificada literatura francesa, o que certamente explica o fato de alguns dos principais jornais de Belém do final do século XIX manterem espaços destinados a matérias literárias e científicas. No caso mais visível das letras francesas, de Lamartine a Comte, passando por Hugo e Saint-Simon, os círculos letrados da Belém *fin de siècle* mostravam-se fortemente contingenciados pela cultura acadêmica da França oitocentista.

Somente em relação à presença e à força do Positivismo de Comte em Belém, é importante ressaltar que José Veríssimo, residente na capital do Pará entre 1880 e 1884, atuou como doutrinador positivista. Nas páginas de jornais como *Diário do Gram-Pará* e *Gazeta de Notícias*, Veríssimo trabalhou sistematicamente o pensamento comteano, e as matérias que estampou no

segundo desses periódicos serviram de fundamento para a obra intitulada *Emílio Littré*, dada à estampa por José Veríssimo em 1881. Dois anos depois, e para além da sua linha de reflexão teórica, publicaria ele a sua *Revista Amazônica*, saída em onze números e transformada em espaço de exercício intelectual dos nossos homens de letras. Entre 1896 e 1897, atuou em Belém a associação cultural *Ordem e Progresso*, reunindo engenheiros, homens públicos e homens de letras. Seu jornal, igualmente intitulado *Ordem e Progresso*, foi página doutrinária e espaço de filosofia política, estampando em seu cabeçalho a máxima doutrinária de Comte: *O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim*.

A afirmação do Positivismo em meio aos quadros das elites cultas da Belém do final do século XIX é duplamente reflexiva. Pela ótica política, filtra-se a presença da doutrina positivista em meio aos republicanos brasileiros, muitos dos quais fizeram a campanha republicana inspirados nos ensinamentos de Benjamin Constant no Rio de Janeiro, a exemplo de Lauro Sodré. Pelo prisma filosófico, chega-se ao discurso do Progresso na forma pela qual foi redefinido no Brasil do final do Oitocentos, e do qual o mesmo Lauro Sodré, Governador do Pará (1891-1897) foi um arauto de grande representatividade. De uma maneira geral, portanto, era bem expressiva a marca do Positivismo na condução do pensamento e das práticas dos intelectuais da Belém da *Belle Époque* da borracha.

Alguns indicadores podem lançar luz sobre a vida intelectual – incluindo, é claro, a sua dimensão científica – da Belém que atravessou a segunda metade do século XIX. Na medida em que a cultura é um dos níveis, o simbólico, das relações concretas das sociedades entre si, fica evidente o atrelamento do homem de letras do tempo às matrizes do pensamento europeu e às leituras que produziu acerca do sentido de Progresso e de Civilização. Afinal, observou-

se em passagem anterior, a *Belle Époque* encarnou e representou o otimismo burguês diante da inevitabilidade do progredir e do civilizar que o tempo das conquistas técnicas e das realizações materiais do capitalismo exaltava. Da organização da *Sociedade Filomática Paraense* (1866) à constituição da *Mina Literária* (1895), passando pela instituição do *Museu Etnográfico e de História Natural* (1871) – depois *Museu Paraense Emílio Goeldi* – ciência e literatura eram pensadas como atributos e virtudes do sujeito social de um tempo em que Progresso e Civilização eram imperativos categóricos da História.

As dinâmicas que levaram à constituição, a 1º de janeiro de 1895, da associação cultural *Mina Literária* revelam que a constituição de uma corporação de homens de letras era estratégica à definição de um campo intelectual socialmente representativo, reconhecido e legitimado na Belém cosmopolita e mundana do final do Oitocentos. Uma das principais figuras desse movimento, J. Eustáquio de Azevedo, bem define a figura do intelectual, mas, sobretudo, do polígrafo, do escritor de muitas narrativas que dominou os cenários letrados do Brasil urbano do final do século XIX, em particular do Rio de Janeiro nos anos da *belle époque* carioca. Artigos, crônicas, conferências, poesia, novelas, e mais traduções de escritores ingleses e franceses, saíam da pena de Jacques Rolla, pseudônimo muito tempo usado por Eustáquio de Azevedo.

O aparecimento da *Mina Literária* foi registrado e enaltecido naquela mesma oportunidade nas páginas de *O Paiz*, do Rio de Janeiro, precisamente por revelar o esforço dos homens de letras que, observados pelo óculo assestado da Capital Federal, tocavam a vida intelectual do Brasil periférico, provincial, espécie de cruzados da literatura e do saber nos limites impensáveis do país. A *Mina Literária* mantinha uma organização marcada por uma certa forma de esoterismo, relacionando-a à terra profunda e os seus membros à

qualidade, ao valor dos minerais nobres, das gemas raras e preciosas. A *Mina Literária* mostrava-se simbolicamente próxima dos ideais de uma filantropia maçônica e... carbonária. Seus quadros reuniam a quase totalidade dos homens de letras de Belém, reconhecidos por seu papel intelectual e por sua identidade social. *Mineiros* eram, também, Lauro Sodré, Serzedelo Correia, Paes de Carvalho, Américo Santa Rosa, Tito Franco de Almeida, e ainda o Barão de Guajará e o Barão de Marajó.

Bem mais do que uma sociedade de *dilettanti*, a *Mina Literária* procurou manter uma atividade editorial básica, expressivamente significativa considerando-se as dificuldades editoriais num mercado fora do eixo livreiro de Rio de Janeiro e São Paulo. Afinal, o livro era um produto, um bem de mercado, regida a sua existência pelas leis da compra e venda. Dos títulos dados à estampa sob a chancela da *Mina Literária*, alguns indicam a presença, o consumo e a redefinição textual do naturalismo de Zola em meio aos intelectuais de Belém, como o fez, aliás, o próprio Eustáquio de Azevedo. Outros títulos publicados revelam o gosto eclético da época, marcado pela crônica, pelo texto, pela poesia de circunstância, formas, em última análise, das fantasmagorias estéticas que a *Belle Époque* produziu para o *divertissement* nos salões da cultura mundana do tempo.

E na virada do século XIX para o XX, durante o consulado do Intendente Antônio Lemos (1897-1911), os investimentos do Estado na modernização urbana de Belém, com suas largas avenidas, jardins, praças e monumentos, e mais serviços de saneamento e higiene conferiam uma feição cosmopolita à cidade. A capital do Pará causava espanto a homens como Euclides da Cunha, que por aqui passou nos albores do século XX. A *belle époque* da Belém da borracha firmara suas imagens, expandira seus mitos, enraizara suas lendas. Como na Paris de Baudelaire, aqui também miseráveis cortavam as avenidas.

Em breve o Progresso e a Civilização os resgatariam para os domínios da Idade de Ouro...

Referências

AZEVEDO, J. Eustáquio de. **Literatura Paraense**: síntese histórica do seu movimento. Belém: A Semana, s/d.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1979.

BENJAMIN, Walter. **A modernidade e os modernos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

CHAVES, Ernani. **No limiar do moderno**: estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Belém: Paka-Tatu, 2003.

BRAGA, Theodoro. **Noções de corografia do Estado do Pará**. Belém: Empresa Gráfica Amazônia, 1919.

CAMPOS, Humberto de. **Carvalhos e roseiras**. 2. ed. São Paulo: José Olympio, 1934.

COELHO, Geraldo Mártires. **O brilho da supernova**: a morte bela de Carlos Gomes. Rio de Janeiro: Agir, Belém: UFPa, 1995.

_____. **No coração do povo**: o monumento à República em Belém (1891-1897). Belém: Paka-Tatu, 2003.

COUDREAU, Henri. **Les français en Amazonie**. Paris: Picard-Bernheim et Cie., 1887.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido**: ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, 2000.

DAOU, Ana Maria. **A belle époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**. Manaus – 1890-1920. Manaus: Valer, 1999.

FRIEDRICH, Otto. **Olimpia**: Paris no tempo dos impressionistas. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LANGLE, Henry-Melchior de. **Le petit monde dès cafés et débits parisiens**. Paris: PUF, 1990.

NEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical**: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OEHLER, Dolf. **Quadros parisienses**: estética antiburguesa 1830-1848. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. **Mundialização e cultura**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RACINE, Nicole & TREBITSCH, Michel (Dir.) **Sociabilites intellectuelles**: lieux, milieux, réseau. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique (20), 1992.

REGO, Clóvis Moraes. **A Mina Literária Nortista de Eustáquio de Azevedo e n' "O Pará Literário de Theodoro Rodrigues"**. Belém: Editora da UFP^a, 1997.

RIBEIRO, De Campos. **Gostosa Belém de outrora**. Belém: Secult, 2005.

ROCQUE, Carlos. **Antônio Lemos e suas época**: história política do Pará. 2.ed. Belém: Cejup, 1996.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SEIGEL, Jerrold. **Paris boêmia**: cultura, política e os limites da vida burguesa. 1830-1930. Porto Alegre: L&PM, 1992.

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão-Pará**. Rio de Janeiro: Civilização, 1963.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 2, n. 5, Setembro-Dezembro. 2016

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2016v2n5p32>

SALLES, Vicente. **A música e o tempo no Grão-Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sócias e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WEBER, Eugen. **França fin-de-siècle**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência (1850-1920). São Paulo: Hucitec-Edusp, 1993.